

## NO PORÃO DA BIBLIOTHECA OS ORIXÁS CONTAM SUA HISTÓRIA

LUIZ AUGUSTO FONSECA DUARTE JUNIOR<sup>1</sup>  
; LOUISE PRADO ALFONSO<sup>2</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – luizjuniorbio@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – louise\_alfonso@yahoo.com.br*

### 1. INTRODUÇÃO

O projeto de extensão Terra de Santo: patrimonialização de terreiro em Pelotas inicia suas atividades em 2015, a partir do contato da Yalorixá Gisa de Oxalá, dirigente responsável pela Comunidade Beneficente Tradicional de Terreiro (CBTT) Caboclo Rompe Mato Ilê Axé Xango e Oxala, que buscou a universidade com o objetivo de solicitar a patrimonialização deste terreiro (RODRIGUES et al. 2016a; RODRIGUES et al. 2016b).

O Grupo de Estudo Etnográficos Urbanos (GEEUR), principiou a elaboração de um dossiê sobre a CBTT, pensando-o como uma referência cultural, a ser enviado ao Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). O objetivo das lideranças é buscar obter a legitimação das práticas religiosas de matriz africana, a partir da visibilização da pluralidade religiosa que a matriz africana compreende e a significância destas práticas no Rio Grande do Sul. Destacamos que a região de Pelotas uma das maiores concentrações de casas de religiões de matriz africana do Brasil, ficando abaixo apenas de uma região do estado da Bahia (BA), dado pouco conhecido pela própria comunidade da cidade de Pelotas. Desde 2015, as ações do projeto de extensão se ampliaram. Este texto pretende apresentar ações realizadas, até o momento, no ano de 2018, dando ênfase ao Módulo do projeto Terra de Santo na exposição Margens: diferentes formas de habitar Pelotas.

Para o processo de patrimonialização da região doceira, uma comissão do IPHAN realizou uma visita à cidade, a equipe do projeto, junto às lideranças mãe Gisa e Paulo de Xangô, receberam a comissão na CBBT, onde através de conversas foi contada a história do ilê, a prática do batuque no Rio Grande do Sul e suas peculiaridades, muitas encontradas somente neste estado. Logo após a visitação, a comissão sugeriu ao grupo um mapeamento das casas de terreiros existentes na cidade, já que não existe esse trabalho em Pelotas, o que dificulta ações de representatividade das lideranças e uma compreensão mais efetiva do contexto das casas. Esta solicitação deu início ao processo de mapeamento dos terreiros de Pelotas, em realização em 2018 no âmbito do projeto de extensão.

### 2. METODOLOGIA

Além das ações acima mencionadas, desde o início do projeto, a equipe vem organizando eventos para difundir essas práticas e demais elementos das culturas afros na comunidade pelotense. Rodas de conversas, exposições, banners, textos acadêmicos, visitas à casas de terreiros, formação de parcerias, participação em programas de rádio, entre outros, foram realizados em 2018. Toda a metodologia é pautada na participação e organização de ações conjuntas com as comunidades de terreiro.

No âmbito do evento “Cidade em transe margens em transformação, duas atividades foram desenvolvidas pelo projeto Terra de Santo, a primeira foi uma roda de conversa com o título “Povo de Terreiro em convivência entre a paz e a

intolerância” que ocorreu no dia 5 de julho de 2018, nas dependências do casarão 2, na Praça Coronel Pedro Osório. Tivemos a participação das lideranças Mãe Gisa de Oxalá, Pai Paulo de Xangô, Helenira Brasil e Marcos de Ogum, além de outras/os convidadas/os. A segunda ação teve a participação de Pai Gilson de Xangô no programa “Nós nosostros, antropofonias e charlas”, da Radio.Com. Nesta ocasião a liderança conversou e tirou dúvidas das/os ouvintes e contando suas experiências na religião. Também organizamos visitas a terreiros, participamos da Marcha contra a intolerância religiosa e nos fizemos presentes no Ilê Axé Bará Lana, com o convite de Pai Toninho, onde celebravam o término de suas obrigações. Além de apresentações em eventos internacionais, onde resultados das atividades foram apresentados. Todas estas ações fortalecem a parceria com as lideranças e intensificam o debate junto à sociedade.

A exposição, foco deste trabalho, foi pensada e organizada de modo buscar que a comunidade pensasse várias e diferentes narrativas possíveis sobre a cidade e que desconstruíssem o conceito de patrimônio, levando para debate evidências de quais grupos estão diretamente incluídos nos discursos oficiais sobre a cidade, e quais foram excluídos destas narrativas (ALFONSO; RIETH, 2016).

Foi pensada uma aproximação com a comunidade mais ampla por meio da exposição, possibilitando uma interação entre terreiros, mediadoras/es e as/os visitantes. Buscou-se uma exposição participativa, com espaço temático formado por objetos, folders, banners e pensou-se uma expografia que permitisse que as/os visitantes ajudassem a construir a exposição ao longo do tempo, a partir de intervenções que respondessem à questionamentos voltados para que as pessoas refletirem sobre sua realidade social, pautados na pedagogia da pergunta (FREIRE & FAUNDEZ 1985).

No espaço fornecido pela biblioteca, foi decidido pelo grupo que o módulo Terra de Santo, apresentaria roupas típicas (Axós) usadas nos rituais e festas, penduradas em cabides, de cor branca, cor predominante por ser de grande significado e importância para as/os adeptas/os das religiões de matriz africana. Instrumentos musicais se fizeram presentes também na exposição, um tambor e um agê (feito de porongo e contas), peças estas de suma importância para se iniciar os festivos dentro dos terreiros. Um cartaz explicativo sobre o projeto Ori, projeto social desenvolvido no terreiro, que atende crianças da comunidade do entorno do terreiro oferecendo auxílio escolar, psicológico e médico.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A exposição já se fazia presente no local a, mais ou menos, um mês, mas a mediação da equipe do projeto e contato direto com as/os visitantes se deu nos dias 17, 18 e 19 de agosto de 2018, quando aconteceu o evento promovido pelo município denominado Dia do Patrimônio. Nos deteremos às observações realizadas no primeiro dia deste evento.

Como de costume, na sexta feira, tivemos a presença das escolas do município. Estudantes, professoras/es, diretoras/es transitavam entre as/os mediadoras/es, mas sem muita aproximação aos módulos. Conforme o decorrer de cada visita, mediadoras/es dos módulos abordavam as turmas e suas professoras que, muitas vezes, por suas expressões faciais mostravam certo desconforto com o módulo e a fala da mediação do projeto Terra de Santo. Durante uma visita, as crianças com sua ingenuidade participavam com perguntas e relatos, logo a professora da turma desconfortável com o assunto, interferiu dizendo que estavam sem tempo e que ainda tinham que visitar outras

exposições, retirando as crianças que estavam espalhadas entre os módulos expositivos.

Ainda nesta tarde, uma outra turma da mesma escola se adentrou ao local, logo no início da mediação sobre o projeto, a professora do grupo lembra a turma dos trabalhos realizados em aula sobre a temática. Para a surpresa e felicidade das/os mediadoras/es o diálogo com as/os discentes e com a professora foi tranquilo e muito produtivo. Logo na saída da escola, todas/os que ali se faziam presentes debateram sobre o posicionamento divergente de ambas as professoras, mostrando a grande diferença de didáticas e abordagens existentes, dentro de uma mesma instituição. Consideramos também o quanto a vinculação religiosa de cada docente pode interferir no ensino de história e cultura afro-indígena.

Já no encerramento do primeiro dia, uma escola do ensino fundamental do bairro Arco Iris chamou a atenção, pelo conhecimento demonstrado sobre as temáticas abordadas nos módulos expostos. O diálogo para com essas/es estudantes foi, de alguma forma, um aprendizado para a mediação. Foram muitas as perguntas e relatos das/os estudantes. Mas, uma criança, particularmente, chamou nossa atenção durante a apresentação, um menino, muito comunicativo e participativo, relatou que ele e a família eram de “saravá” (expressão dada a quem participa da umbanda/nação), entre falas e risos, esse menino de aproximadamente de 10 anos se dirige ao mediador e diz: “Tio, existe terreira do bem e terreira do mal?” automaticamente o mediador explicou que não existe na religião qualquer bem ou mal, mas sim pessoas que procuram o bem, ou não. Notamos que os debates auxiliaram que as crianças refletissem sobre a temática e discutissem sobre narrativas antagônicas que já ouviram sobre estas religiões. Depois de um longo tempo na companhia dessa escola, as/os estudantes educadamente agradeceram pela conversa, as professoras elogiaram a iniciativa do projeto Terra de Santo de dar visibilidade à temática.

Foi evidente que, na maioria dos grupos que visitaram a exposição nesta data, várias crianças que a princípio não afirmavam frequentarem terreiras, ao longo da mediação, passaram a relatar experiências vividas nestas casas de religião. A maioria das crianças conhecia os objetos que estavam expostos. Estes fatos demonstram que ainda muitas/os pessoas têm o receio de se declararem pertencentes a estas religiões, embora sejam frequentadoras/es, resultado de um processo histórico de perseguições e violências aos terreiros que se estendem até os dias atuais. Ver e debater esta temática no dia do patrimônio pode fazer toda a diferença as novas gerações.

#### 4. CONCLUSÕES

O foco desta exposição era levar para dentro de um prédio com uma carga de importância cultural, patrimonializado, localizado na parte central da cidade, espaço elitista, temas polêmicos e marginalizados pela sociedade. Auxiliando a legitimar e visibilizar falas e narrativas que não são consideradas nas versões oficiais sobre a cidade (ALFONSO; RIETH 2016). O resultado aqui mostrado evidencia a grande participação direta e indireta das/os estudantes que se aproximavam para conversar, demonstravam curiosidade pelos objetos que estavam expostos e trocar experiências.

Ressaltamos ainda que, mesmo com legislação que destaca a importância de se trabalhar a história e cultura afrobrasileira nas escolas, esse debate fica sob responsabilidade de apenas alguns/mas poucos/as docentes. Atitudes de repúdio, descaso e preconceito ficaram evidentes em nossa observação, principalmente por parte de docentes. Percebemos ainda, uma leve mudança no pensamento e

atitudes de determinadas pessoas após a mediação, depois da apresentação de preceitos e das lutas pelos direitos dos religiosos destas comunidades.

Ressaltamos a importância da aproximação entre ensino, pesquisa e extensão, pois a avaliação desta atividade específica de extensão nos ajuda a ampliar nossas pesquisas, nos possibilitando compreender estratégias de visibilização das comunidades de matriz africana e suas formas de habitar a cidade. A participação do módulo na exposição possibilitou levar para a sociedade os saberes e demandas dessas pessoas e suas práticas, em especial dentro de uma instituição considerada patrimônio como é o caso da Biblioteca Pública e seu museu histórico. Salientamos a relevância da cultura negra e da religião afrobrasileira estar inserida nestes prédios considerados importantes, especialmente durante este evento do Dia do Patrimônio, de forma a visibilizar a presença negra na história de Pelotas normalmente "esquecida" na história oficial.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro. **Mana** vol. 21 no. 3 Rio de Janeiro Dez. 2015

ALFONSO, L. P.; Rieth, F. Narrativas de Pelotas e Pelotas Antiga: a cidade enquanto Bem Cultural. In: Camen Burget Schiavon, Sandra de Cássia Pelegrini. (Org.). **Patrimônios Plurais: iniciativas e desafios**. 1ed. Rio Grande: Ed. da FURG, 2016, v. , p. 131-147.

FREIRE, P.; FAUNDEZ, A. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.s

MAGNANI, José. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista brasileira de Ciência Sociais**. 2002, vol.17, n.49, pp.11-29.

OLIVEIRA, D. O. F de, RODRIGUES, M. B., BRUM, P., MATHIAS, S. F., RODRIGUES, G. R. de, ALONSO, L. P. Terra de Santo: patrimonialização de terreiro em Pelotas. In: **III CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA. Pelotas, 2016. Anais do III Congresso de Extensão e Cultura da UFPel**. Pelotas: Editora UFPel, 2016. 109-112.

RODRIGUES, J. F., BRUM, P., RODRIGUES, M. B., MATHIAS, S. F., RODRIGUES, G. R. de, ALONSO, L. P. "Nós somos representantes de nós mesmos!": um exemplo de regulamentação de casa de religião de matriz africana em Pelotas-RS. In: **III CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA. Pelotas, 2016. Anais do III Congresso de Extensão e Cultura da UFPel**. Pelotas: Editora UFPel, 2016. 198-201.

RODRIGUES, G. R. de, BRUM, P., RODRIGUES, M. B., DIAS, H. G. B., RODRIGUES, J. F., ALONSO, L. P. "Mudar para se adequar sem perder o fundamento": processo de patrimonialização em um terreiro na cidade de Pelotas-RS. In: **III CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA. Pelotas, 2016. Anais do III Congresso de Extensão e Cultura da UFPel**. Pelotas: Editora UFPel, 2016. 170-173.